

## **A PESQUISA EM TIPOGRAFIA NO P&D DESIGN, 10 ANOS DEPOIS: reflexões sobre a educação, a pesquisa e o projeto da tipografia brasileira entre 2014-2022 no P&D Design**

*RESEARCH IN TYPOGRAPHY AT P&D DESIGN, 10 YEARS LATER: reflections on Brazilian typography education, research and design between 2014-2022 at P&D Design*

FUKUSHIMA, Kando; Doutor; UTFPR - CT Curitiba

kando@professores.utfpr.edu.br

SILVA, Claudia Bordin Rodrigues da; Doutora; UTFPR - CT Curitiba

cbsilva@professores.utfpr.edu.br

### **Resumo**

A partir dos estudos sobre a pesquisa em tipografia no contexto brasileiro, este artigo apresenta uma análise de artigos publicados nos Anais do P&D Design entre 2014 e 2022, no levantamento teórico das abordagens que consideram a cultura, a diversidade e as práticas experimentais como elemento relevante nos estudos sobre a tipografia brasileira. Como continuidade de uma pesquisa apresentada em 2014 e frente às discussões do ensino e do projeto e na busca de caminhos próprios para uma pesquisa interessada, propõe-se um olhar sobre a cultura e o contexto como formas de construção da práxis de designers na educação, na pesquisa e no projeto como formadores de uma lente crítica e criativa, contribuindo na produção de agendas e discussões sobre a tipografia no contexto brasileiro.

**Palavras Chave:** tipografia, P&D Design, pesquisa em Design.

### **Abstract**

*Based on studies on typography research in the Brazilian context, this article presents an analysis of articles published in the Proceedings of P&D Design between 2014 and 2022, in a theoretical survey of approaches that consider culture, diversity and experimental practices as a relevant element in studies on Brazilian typography. As a continuation of research presented in 2014 and in light of discussions on teaching and design, we propose a look at culture and context as ways of constructing the praxis of designers in education, in research and design practice as trainers of a critical and creative views, contributing to the production of agendas and discussions on Brazilian typography context.*

**Keywords:** typography, R&D Design, Design research.

## 1 Um recorte da pesquisa em tipografia brasileira através do P&D Design

Este artigo apresenta uma análise da pesquisa em tipografia brasileira a partir dos anais do P&D Design, durante o período de 2014-2022<sup>1</sup>, considerando os métodos e as ferramentas das quais designers pesquisadores no Brasil utilizam em suas práticas de pesquisa, educação e projeto. Como pressuposto aos estudos, enfatizamos a produção de uma educação crítica e problematizadora em Design, refletimos sobre a relevância de estudos que coloquem em perspectiva histórica e contextualizada a pesquisa em tipografia no Brasil, entendendo o fórum do P&D Design como um importante marcador do tema, dentre outros espaços da produção acadêmica, em sua diversidade de espaços e diálogos ao longo de seus 30 anos<sup>2</sup>.

Sendo a continuidade de uma pesquisa apresentada em 2014<sup>3</sup>, afirmamos a importância da discussão sobre as metodologias de pesquisa próprias em tipografia, reforçando as intersecções entre teoria e prática nos estudos da cultura, da história e dos modos de produção - sejam pelas ferramentas metodológicas, sejam pelas bibliografias de apoio, discussão e análise. Naquele momento, analisamos o total de 15 artigos dentre os 44 selecionados, que permitiram refletir sobre os interesses e os modos de pesquisa que a comunidade tem utilizado para discutir a tipografia e suas relações com a cultura e o Brasil.

Para a presente pesquisa, foram selecionados um conjunto de 38 artigos dentre os disponíveis em repositórios do P&D Design, mapeados entre os anos de 2014 (9 de 322), 2016 (12 de 536), 2018 (8 de 579) e 2022 (9 de 497). Foram selecionadas a partir dos marcadores de linguagem, filtrados por palavras-chave, resumo e títulos. Os marcadores textuais utilizados nesta primeira etapa foram os termos: tipografia, tipográfico, tipográfica e tipos. Esses marcadores puderam ser verificados e analisados a partir da leitura dos artigos, e, em segundo momento, pudemos rever se os marcadores eram ou não atendidos dentro do conjunto pretendido, reduzindo o corpus para a análise final.

Em seguida, analisamos o conjunto a partir de indicadores definidos como pressupostos de distinção, como: 1. as metodologias de pesquisa escolhidas ou criadas, que permitam discutir cultura no contexto brasileiro, seja pelo método ou pelas práticas de pesquisa, e em sequência; 2. as abordagens do tema que contribuíssem com discussões no campo teórico do design sobre aspectos culturais da tipografia no Brasil, sejam autoria, marcadores (gênero, raça, etnia, social, econômico) ou seus atravessamentos teóricos com outras áreas e categorias de análise (as narrativas, modos de intersecção das linguagens, gêneros visuais).

Neste segundo momento, acolhemos a leitura e análise de 14 artigos, sendo eles separados, descritos e comentados a partir do Capítulo 2. Excluimos da seleção final, o artigo apresentado em 2014, cuja continuidade está sendo proposta nesta pesquisa.

As amostras selecionadas não pretendem reduzir a diversidade apresentada por todos os artigos sobre tipografia ao longo dos anos, ao contrário, reforçam a heterogeneidade de percepções sobre a pesquisa e apontam para futuros e agendas relevantes à educação e ao projeto em tipografia, que aqui acolhemos como objetivos específicos desse exercício documental.

Investigar a tipografia pelo viés da cultura reforça um aspecto que no campo do design, como prática projetual e área de pesquisa, é amplamente reconhecido, considerado importante.

<sup>1</sup> Vale ressaltar que o ano de 2020 foi marcado pela Pandemia de COVID e o evento, bianual, foi cancelado.

<sup>2</sup> A primeira edição do Evento P&D Design foi realizada em 1994, em São Paulo, na Universidade Paulista UNIP.

<sup>3</sup>“A pesquisa em tipografia no design: Reflexões sobre as práticas de pesquisa em tipografia publicadas no P&D Design entre 2008 e 2012” de Claudia Bordin Rodrigues e Kando Fukushima.

No entanto, consideramos que é ainda carente de sistematização metodológicas que possamos usar como referência para desenvolvermos atividades na graduação, por exemplo.

Categorias de diversos campos de conhecimento, como História, Estudos Culturais e Comunicação, são apropriados para analisarmos e produzirmos artefatos ligados a esse campo da produção visual. Seja em seus usos, como na análise e aplicações de conceitos da semiótica em cartazes e projetos editoriais, ou como marco histórico fundamental da cultura ocidental, quando pensamos nos processos que envolveram o desenvolvimento das tecnologias de impressão.

Este processo está presente quando evocamos a teoria antropológica, como no conceito de “cultura” em uma pesquisa sobre letramento popular (FINIZOLA, 2015), nos esforços de identificar uma importante discussão de gênero e da psicanálise nos marcos canônicos da história do design, como quando Mike Mills apresenta uma pretensa dicotomia entre racional e subjetivo nos discursos de Herbert Bayer sobre a tipografia (MILLS, 2008, p.52) ou como nas vertentes que apontam a necessidade de considerarmos a cultura como dimensão fundamental da classificação tipográfica em um texto voltado para designers, fora de um contexto acadêmico, como no ensaio de Jonathan Hoefler para a revista Emigre:

Uma taxonomia para tipos, se fosse compreensível, adaptável, corrigível, expansível, amplamente acessível, mas infinitamente refinada, seria de imensa utilidade para qualquer pessoa ligada às letras. Se narrasse os fatores culturais, estéticos, tecnológicos e literários que influenciaram o design de tipos – em vez de postular uma bela progressão de estilos, implicando uma evolução descomplicada – poderia aproximar-se de um registo mais fiel da rica e complexa história da tipografia (HOEFLER, 1997, p.55-56, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Ao realizarmos o levantamento através dos anais do P&D Design, buscamos identificar como essas questões estão sendo abordadas em um dos principais eventos acadêmicos do campo no Brasil, destacando suas implicações em temas relacionados com a produção nacional.

## 2 O corpus de análise do P&D Design, a partir das discussões sobre a pesquisa em tipografia no contexto brasileiro

### 2.1 P&D 2014

Através da análise preliminar, dos nove artigos que utilizavam as palavras chave ou continham os termos no título, foram escolhidos três artigos desta edição.

“As capas de cordel em xilogravura na Tipografia São Francisco (1932-1982)”, de Paulo Jeyson Barros Paiva, utiliza a pesquisa documental do acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa para identificar os xilógrafos e a produção das capas. A Tipografia São Francisco, localizada na cidade de Juazeiro do Norte, foi uma das maiores editoras de cordel do país. O resgate histórico apresentado no artigo permite a abordagem de métodos de produção, tecnologias e a relação entre as soluções plástico/formais da tipografia com aspectos da cultura brasileira, sobretudo, das

---

<sup>4</sup> No original, “A taxonomy for type, if it were comprehensive, adaptable, correctable, expandable, generally accessible yet infinitely refined, would be of immense use to anyone connected with letters. If it chronicled the cultural, aesthetic, technological, and literary factors that have influenced type design – instead of postulating a neat progression of styles, implying an uncomplicated evolution – it might approach a more faithful record of the rich and complex history of typography (HOEFLER, 1997, p.55-56)”.

regiões norte e nordeste.

Identificamos neste artigo a questão relacionada com o uso do termo “tipografia” na produção gráfica, se referindo ao processo de impressão. Apesar de gerar uma ambiguidade conceitual, é um processo gráfico relacionado com diversos aspectos próprios da discussão tipográfica em seu sentido estrito, além de efetivamente envolver o desenho de caracteres ortográficos e para-ortográficos na maioria dos casos.

O uso da técnica de xilogravura é destacada pelo autor do artigo como uma característica que vincula o processo de impressão com uma expressão cultural regional. Apesar da associação do cordel com a produção literária, ele destaca a circulação de materiais impressos com essa técnica também serviu com o mesmo propósito dos periódicos de notícias, incluindo uma comparação de preços de cordéis com alguns outros tipos de publicações em uma mesma época, como jornais e revistas.

Nas análises das capas, além dos desenhos, aponta aspectos do uso da composição tipográfica. Ao identificar os capistas, relata que alguns deles eram tipógrafos, como no caso de Walderêdo Gonçalves. Dessa maneira, aborda-se a tipografia através dos usos em materiais impressos, sendo possível estabelecer a relação entre a produção, circulação e consumo desses artefatos, por um viés histórico, baseado em pesquisa documental.

No artigo de Rafael Neder e Gisela Belluzzo de Campos, “A OTSP e o resgate da impressão tipográfica no Brasil”, novamente a pesquisa parte do processo de impressão tipográfica. Os autores argumentam que a prática e estudos desse assunto trazem elementos importantes para o desenvolvimento de projetos de design gráfico, valorizando criativamente os processos manuais e mecânicos. A pesquisa faz parte de uma dissertação de mestrado intitulada “Práticas Contemporâneas da Impressão Tipográfica no Brasil” de autoria de Neder.

A metodologia para a coleta de dados foi a História Oral, com entrevistas com pessoas envolvidas com a Oficina Tipográfica São Paulo (OTSP), destacando os seus fundadores, Marcos Mello, Claudio Rocha e Claudio Ferlauto. No roteiro das entrevistas, foram abordados temas específicos da tipografia, como suas definições e os motivos que despertaram o interesse dos criadores no tema.

A partir das entrevistas, os autores citam que foram feitas análises que envolveram mapas mentais, planilhas cronológicas e quadros temáticos, que embasaram as informações da pesquisa qualitativa. Para complementar a discussão, foram feitas observações dos trabalhos da OTSP e pesquisa bibliográfica.

O artigo em si apresenta aspectos históricos da OTSP, que foi inaugurada oficialmente em fevereiro de 2004. Os relatos abrangem a relação dos fundadores desde o início dos anos 2000, quando os designers se conheceram, com informações sobre a aquisição de equipamentos, trabalhos importantes, a relação posterior com SENAI, envolvendo diretamente atividades de ensino e pesquisa, mudanças de membros da equipe e breves discussões sobre a linguagem gráfica dos projetos realizados na oficina. Além disso, são abordados outros projetos dos entrevistados, destacando os que estavam ligados à tipografia.

Apesar da abordagem histórica, o que interessa aos autores é a forma como esses processos constituem a produção de design, não apenas como uma influência do passado, mas como prática criativa e projetual contemporânea.

## 2.2 P&D 2016

Da edição de 2016, seguindo os parâmetros descritos anteriormente, foram escolhidos quatro artigos dentre doze que tinham a tipografia como tema geral.

Uma informação importante sobre essa edição é de que alguns dos doze artigos foram selecionados para a publicação em periódicos. Os anais do evento indicavam links para as respectivas revistas, porém, entre os quatro artigos que se enquadram nessa condição, no período em que foram verificados para a presente pesquisa, dois estavam com links fora do ar e um dava acesso apenas ao resumo do artigo.

O artigo “O ensino da tipografia no contexto dos cursos de design: uma abordagem qualitativa”, de Mary Vonni Meürer e Berenice Santos Gonçalves, busca descrever um panorama do ensino de tipografia, a partir de entrevistas semi-estruturadas com seis professores, abrangendo sete instituições de ensino superior da região de Florianópolis-SC.

Nesta pesquisa qualitativa, as autoras abordaram conteúdos e estratégias de ensino. Argumentam no texto que as pesquisas no estado em que atuam, Santa Catarina, possuíam escassez de trabalhos científicos específicos sobre o tema, apesar de uma grande quantidade relativa de cursos de graduação em design na região.

Defendem a importância e mesmo centralidade da tipografia no escopo do design gráfico, citando autoras e autores no campo do Design como Ellen Lupton, Priscila Farias e Steven Heller e outras informações gerais sobre a história dos cursos de design no Brasil.

No artigo, indicam os conteúdos das disciplinas investigadas, as autoras e autores que são utilizados e utilizam trechos das entrevistas para discutirem os cinco eixos principais que elencaram para as entrevistas: Formação do professor; Disciplina; Conteúdos e estratégias; Seleção tipográfica e Sobre os alunos.

Para identificar os campos abordados nos cursos de design sobre tipografia, utiliza as categorias apresentadas por Hartmut Stöckl:

[M]icrotipografia, que refere-se ao design de fontes e signos gráficos; mesotipografia, que envolve a configuração dos signos gráficos em linhas e blocos de texto; macrotipografia, que trata de toda a estrutura do documento e a paratipografia, que abrange os materiais e técnicas para visualização e reprodução da tipografia (MEÜRER; GONÇALVES, 2016, p.2846)

Nas considerações da pesquisa, apontam que as disciplinas abordam aspectos da mesotipografia e da macrotipografia, com conteúdos que enfatizam os usos da tipografia em projetos de design gráfico. Os entrevistados argumentam que os conteúdos deveriam ser apresentados em etapas iniciais dos cursos, para que os discentes percebam logo a importância da tipografia, não apenas nos projetos editoriais, mas em todas as áreas de atuação do design. Ponderam também sobre o uso de entrevistas para abordar o tema, destacando a rica troca de experiências e as vantagens em relação ao uso de questionários.

O artigo “Subsídios para uma história do design gráfico no Brasil: a primeira tipografia do Amazonas (1851-1866)” de Rômulo do Nascimento Pereira e Ligia Medeiros, propõe uma abordagem histórica crítica para investigar as fases iniciais do primeiro empreendimento tipográfico do estado do Amazonas.



A pesquisa descreve e analisa a fundação da Tipografia dos Silva Ramos, incluindo aspectos biográficos do tipógrafo Manoel da Silva Ramos, pioneiro dessa profissão na então província do Amazonas, e posteriormente de seu irmão, Francisco da Silva Ramos.

Uma discussão sobre a relevância do tema é conduzida pela análise das condições materiais da cidade, a relação com as autoridades públicas e a produção intelectual da época, sobretudo, através da análise de periódicos. Essas análises apresentam aspectos formais dos artefatos, como a diagramação e composição visual, mas também breves discussões sobre os conteúdos veiculados, excludente e elitista considerando as condições materiais da província.

Na abordagem escolhida, estabelecem uma articulação entre aspectos socioeconômicos e culturais da região com as tecnologias gráficas. A pesquisa foi realizada com análises de artefatos impressos e pesquisa bibliográfica, considerando aspectos políticos e culturais da região no século XIX. Para os autores, a pesquisa evidencia a produção gráfica da região, alinhada com os interesses econômicos, sociais e estéticos da época, mas negligenciada na maioria dos estudos históricos no campo da História do Design.

O artigo “O ensino de caligrafia, desenho de letras e tipografia no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo” de José Roberto D'Elboux aborda os temas descritos no título durante o período da fundação do Liceu, ainda com o nome de Sociedade Propagadora da Instrução Popular, em 1873, até meados de 1940.

A investigação foi realizada com pesquisa documental do acervo histórico da instituição, com análises sobre os conteúdos e as descrições dos aspectos práticos. O enfoque foi na utilização desses conteúdos práticos no desenho arquitetônico, objeto de pesquisa de uma tese de doutoramento em andamento na época da apresentação do artigo.

O texto aborda a relação entre a disciplina de caligrafia e a popularização da escrita a partir do século XVIII, que envolvia aspectos econômicos, políticos e culturais, além da questão tecnológica.

No caso específico do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, apresenta um breve histórico da instituição e identifica o conteúdo de caligrafia na Sociedade Propagadora da Instrução Popular, que posteriormente se tornaria o Liceu, além de outros documentos que estabeleciam diretrizes para o ensino do conteúdo no estado de São Paulo.

O autor pormenoriza as diversas disciplinas correlatas à tipografia, algumas das principais obras utilizadas e destaca alguns dos professores mais importantes da instituição. Entre as aplicações práticas, o autor destaca aquelas relacionadas ao desenho arquitetônico, elementos decorativos para construção civil e letreiros comerciais.

A relação entre os professores do Liceu e a prática arquitetônica é discutida brevemente pelos projetos do Escritório Técnico Ramos de Azevedo Severo & Villares, que teve vários profissionais ligados ao Liceu.

Este tipo de vínculo aponta a importância da sistematização do ensino das práticas e sua relação com os usos da tipografia no período pesquisado, da transição entre técnicas artesanais para processos industriais.

Por fim, o artigo “Dos livros aos tipos: um inventário gráfico da Tipografia do Zé” se aproxima tematicamente dos artigos apresentados da edição de 2014, por abordar a produção da técnica de impressão tipográfica. É também derivativo de um novo recorte da dissertação de Rafael Neder, com orientação de Gisela Belluzzo de Campos, “Práticas Contemporâneas da

Impressão Tipográfica no Brasil”. A dissertação tinha sido base do artigo “A OTSP e o resgate da impressão tipográfica no Brasil”, apresentado em 2014. Como no artigo anterior, também utilizou a História Oral como principal abordagem metodológica para a coleta de dados, apesar de utilizar exemplos diferentes, com novas análises. Além das entrevistas, foram coletados dados de documentos e produções bibliográficas de temas correlatos. O objetivo geral também é o mesmo, destacando os usos de técnicas manuais e mecânicas aos projetos de design contemporâneo.

Este foi o único artigo selecionado para um periódico do conjunto da edição de 2016 que tivemos acesso ao texto completo, publicado na Revista InfoDesign: Revista Brasileira de Design da Informação.

O artigo apresenta a editora de livros artesanais “Tipografia do Zé”, criado em 2008, assim como identifica e analisa parte da produção do mineiro Flávio Vignoli, focando em seus projetos editoriais, incluindo dados biográficos do designer.

### 2.3 P&D 2018

Nesse conjunto, foram selecionados 3 artigos de 8 selecionados, abordando questões sobre ética e apropriação, identidade e narrativas, e a inclusão a partir da estética tipográfica.

No artigo “Procedimentos éticos do resgate tipográfico no design de tipos”, de Érico Carneiro Lebedenco e Gisela Belluzzo de Campos, a discussão principal reside sobre a profissionalidade do designer de tipos e as questões de legalidade sobre o redesenho e apropriação de tipos, a partir do uso de tecnologias digitais e de uma legislação e ética da profissão no Brasil. Os autores afirmam que, apesar do resgate tipográfico ser uma prática comum, são poucas as publicações na área, incorrendo na desinformação e carência de esclarecimentos sobre as práticas éticas, acerca de autoria, propriedade, criação, bem como de aspectos metodológicos para tais práticas, bem como uma discussão sobre os discursos sobre apropriação na pós modernidade.

Para eles, a importância da discussão da profissionalidade do designer de tipos é pautada pela presença das intersecção entre associações de classe, no Brasil, e as preocupações com uma pauta ética, como ressaltam:

Apesar da grande liberdade oferecida pelas ferramentas digitais e pelos novos ideais no design, a atividade do designer continua sendo um ofício sistematizado por normas profissionais da classe, padrões técnicos de mercado e leis que regulam a relação de trabalho e a prestação de serviços na sociedade (2018).

Os exemplos mostrados pelos autores, de tipografias clássicas, consideradas como modelos históricos - tais como a Garamond e as diversas variações, reforçam a discussão sobre os limites da produção ética e dos interesses do capital, tais como vimos no trecho:

As incontáveis Garamonds produzidas pela Adobe, Stempel, Monotype, ITC e outras companhias, comprovam esta estratégia comercial; porém, exibem variações formais significativas na construção dos mesmos caracteres tipográficos. Muitos desses tipos são baseados em diferentes modelos das letras do tipógrafo renascentista Claude Garamond, contudo grande parte apresenta características tão distintas das originais – por equívoco ou por uma estratégia intencional – que é difícil classificá-los como tipos Garamond, como é o caso da ITC Garamond (LEBEDENCO, CAMPOS, 2014, Apud DOWNER, 1996; CARDINALLI, 2004).

A discussão vai além dos aspectos puramente formais ou de mercado. É importante ressaltar que como prática, a apropriação é algo recorrente no Design e na arte pós moderna, implicando numa discussão do passado e da ressignificação (no caso das releituras, apropriações, resgates) por um caminho, ou pelos recursos da imitação ou paródia, do pastiche, do vernáculo, do retrô, como apontam Poynor (2010). E embora a apropriação seja bem-vinda como recurso de retórica no Design (e na arte moderna), como afirmam os autores, o eixo da profissionalidade, da moralidade e do direito à propriedade intelectual e patrimonial, precisam ser vistas à luz de uma constituição de prática profissional do designer-tipógrafo, principalmente, de modo a relacionar a tipografia a “um período histórico, localização geográfica ou movimento artístico, viabilizando o seu reconhecimento como parte de um patrimônio cultural” (p.3).

Nesse sentido, o artigo traz uma contribuição aos estudos do direito e da ética no design brasileiro, à luz das teorias, da associação de classe e de uma visão que não só aponta caminhos ‘jurídicos’, mas que pretende preservar as discussões sobre um patrimônio cultural e uma valorização dos sujeitos de autoria - por meio de mecanismos próprios e metodológicos, ainda que num mundo digital e em transição.

No artigo “Tipografia em cartazes de cinema como representação de identidade e storytelling: um estudo de caso do estúdio Ana França Design”, de Juliana Krupahtz e Volnei Matté, a discussão reside na apresentação de um modelo experimental para a análise de cartazes fílmicos, considerando a tipografia como eixo. Reforça-se o caráter experimental da metodologia e a amostra dos filmes nacionais, bem como a produção dos designers do estúdio Ana França Design, na produção da linguagem pretendida.

No artigo, os autores têm como objetivo compreender relações do uso da tipografia em cartazes de cinema como representação da identidade e storytelling dos filmes. Para Opasinski (2016), o cartaz é elemento importante da narração fílmica, como parte de guiar o público ao centro da história, espaço onde a curiosidade se revela. Como apontam os autores:

(...) o cartaz deve então apresentar elementos da narrativa que entreguem a temática ou momentos do roteiro. A tipografia pode ser utilizada como um desses elementos, como foi no caso do cartaz de *Bunny Lake is Missing*, de Saul Bass (1965).

Seguindo os estudos sobre a obra de cartazes cinematográficos do designer estadunidense Saul Bass, referência das décadas de 50 e 60, os autores apresentam suas inspirações de análise e discurso, pois para eles:

Sua influência (Saul Bass) foi fundamental para mudar a maneira como os cartazes eram construídos graficamente, que normalmente davam destaque aos atores principais ou a alguma cena do filme. Bass pensava na identidade visual do filme, mantendo coerência com as outras peças e também com elementos-chave da obra (TAÚ; OLIVEIRA; NESTERIUK, 2015).

Assim, os autores escolhem sua amostra da produção do estúdio brasileiro Ana França Design, no Rio de Janeiro, a partir dos cartazes dos filmes *Estômago* (2007), *Elis* (2016) e *Hoje eu Não Quero Voltar Sozinho* (2014). Para cada cartaz, utilizam-se a descrição da obra, a apresentação da estrutura de leitura da peça gráfica, as cores, formas e classificações da tipografia, bem como a análise conceitual da tipografia na peça. No exemplo de *Estômago* (2007), os autores reforçam a utilização do discurso para análise da assinatura tipográfica do título, como segue

Na análise de forma pode-se identificar uma letra manuscrita, totalmente em caixa alta, com arestas irregulares e sem grande contraste, remetendo uma escrita em parede irregular feita por instrumento de ponta redonda de maneira rudimentar. O conceito do filme se destaca no desenho da letra “M”, que foi substituída pelo símbolo criado a partir da



contagem de dias que presidiários fazem durante a permanência na cadeia. Com este símbolo, a tipografia reforça sua presença como elemento narrativo, sendo aquele com maior destaque visual que ilustra a presença do contexto de prisão no roteiro do filme (2018).

Dessa forma, os autores propõem um olhar e método de análise, nos recursos entre obra-conceito para desvendar o storytelling, ou seja, a marcação que a narrativa estabelece no tipo, a partir de suas características formais e relações, o que reforça sua contribuição aos estudos da relação entre cinema, linguagem e design gráfico.

O terceiro artigo selecionado “Som na forma tipográfica: a tipografia como recurso de imersão audiovisual para pessoas surdas”, de Diego Normandi e Cibele Taralli, discute questões sobre inclusão no audiovisual e apresenta uma metodologia experimental de análise do estilo tipográfico para ouvintes e surdos, na identificação estética e contextual com a tipografia.

Os autores apresentam, a partir de instrumentos próprios de experimentação, um conjunto de pressupostos que orientam o experimento com ouvintes e surdos, na identificação de estilos tipográficos. O estilo tipográfico, para Ellen Lupton (2015, p.9), “incorpora a linguagem escrita de uma forma concreta. Uma fonte comunica através de seus traços, proporções e peso visual”.

Baines & Haslam (2005) afirmam que a tipografia é intrinsecamente linguagem visual. Ao se considerar, por exemplo, a tipografia como uma espécie de roupa que “veste” um texto, é possível compreender o estilo tipográfico como um instrumento de comunicação que carrega mensagem particular na própria forma visual. Assim, um único texto poderia assumir diferentes relações a depender da tipografia que assume (p.3).

Os autores reconhecem, nesse estudo, a importância de discutir tanto a tipografia quanto a legendagem, recurso utilizado para a marcação das falas e sons durante uma obra audiovisual. Para além de um recurso de inclusão e acessibilidade, normatizado através da legislação e de manuais de boas práticas de acessibilidade e inclusão, a legendagem pode ser também um recurso de apoio visual, ao estabelecer uma forma narrativa própria ao gênero fílmico, para identificação dos falantes, de sons de ambientação, de locuções internas ou externas, de pensamento de personagens ou de trilha sonoras. Esses padrões são reconhecidos como boas práticas, no Brasil e na França, ainda que com suas diferenças.

A partir desses pressupostos, os autores elaboraram sua metodologia considerando 2 ciclos de experimentos entre ouvintes e surdos. Os autores indicam no instrumento a possibilidade de utilização do estilo tipográfico como um recurso informacional, que vai além do conteúdo verbal das palavras escritas - na conexão entre imagens, ideias e tipografia. Assumem que “os leigos” podem ou não relacionar essas afirmações, por meio de exemplos visuais, tais como a relação entre o personagem do filme Cidade de Deus (2002), o Zé Pequeno, e uma tipografia que lembra pichações em muros urbanos, acrescidas de marcas de balas, como referência à violência da cidade.

## 2.4 P&D 2022

Neste conjunto, selecionamos 5 artigos, de uma amostra de 9 resultados. Essa amostra caminha desde o projeto tipográfico para movimento social identitário, à expressividade de estilos tipográficos na literatura, até o espaço das produções sobre a história, a memória e os contextos das produções de pesquisa e comunidades brasileiras.

O primeiro artigo “Processo de desenvolvimento de tipografia display para uso pelo movimento LGBTQ+”, de João Vitor Pereira Thomaz, Isadora Burmeister Dickie e Haro Ristow

Wippel Schulenburg, nos apresenta uma abordagem metodológica para a criação de uma tipografia nacional, inspirada e produzida para um movimento social e uma pauta política identitária.

O contexto teórico dos autores é o do Design Ativista, que como Montuori (2018), surge como um espaço de práticas atentas às realidade sociais do país, da cultura popular e das discussões sobre a produção de uma democracia ‘do centro às bordas’. Em um afastamento dos discursos de um Design puramente mercadológico com o qual a educação e as práticas definiam o espaço projetual, o ativismo envolve mudanças da visão às discussões do marginal negligenciado, enfatizando a capacidade do design de servir como uma ferramenta para a transformação social, promovendo a inclusão e o fortalecimento das comunidades marginalizadas.

Neste contexto, a tipografia assume sua parte no processo comunicativo e da linguagem, ao ser reforçado seu caráter de dar forma visível e durável, como nos afirma Bringhurst (2005), àquilo que entendemos ser a parte da relação entre imagem, significado e contexto. No contexto do design ativista, ao longo da história, a tipografia foi elemento de forte presença, principalmente quando falamos dos tipos display. A estética desse estilo tipográfico emoldurou inúmeras peças gráficas, de cartazes a panfletos e editoriais, sendo memorável em peças como as Capas dos Boletins do Grupo Panteras Negras, criado por Emory Douglas em 1969, ou mais recentemente, nas peças de manifestação sobre a morte da ativista Marielle Franco, criadas pelo Grupo Design Ativista no Brasil em 2018.

Para a criação da tipografia para a comunidade, os autores desenvolvem um estudo conceitual sobre o símbolo do Triângulo Rosa, considerado pelos movimentos como signo de luta e empoderamento, e a paleta de cores da bandeira do movimento, criada em 1978 por Gilber Baker para a Gay Freedom Day, em São Francisco, nos Estados Unidos. Além disso, baseiam-se na metodologia de Stöckl (2005) para a classificação de exemplos existentes em peças gráficas do movimento, num total de 20 análises sobre semiótica e linguagem tipográfica.

A partir dos estudos, definiram um conjunto de formas para as análises das caixas, do eixo tipográfico e dos contrastes e traços, como proposto por Buggy (2018), em negociação com as formas e atributos de personalidade atribuídos ao grupo, como o empoderamento e o ativismo. Por fim, nomeada como Queer Font, os autores sugerem que a tipografia apresenta uma proposta inovadora e seu uso relaciona-se a uma “forma de empoderamento àqueles que não seguem padrões heteronormativos ou de gênero.” Embora não esteja disponível para acesso na época, o projeto foi premiado e reconhecido pela comunidade.

No segundo artigo selecionado, “Expressividade tipográfica em livros ilustrados: uma análise comparativa entre *Daqui ninguém passa!* e *Meu vizinho é um cão*”, de João Pedro Brito e Eduardo ABM Souza, reforçando o interesse na compreensão das estratégias tipográficas na expressão do editorial e na relação texto e imagem.

O artigo, fundamentado a partir dos estudos da linguagem, da literatura e da multimodalidade do livro ilustrado, tem como objetivo analisar o uso da tipografia como recurso pictórico, segundo as categorias propostas por Linden (2011).

Para a metodologia de análise, os autores propõem, a partir de Thompson (1988), as discussões sobre os tipos de motivação (composicional, realística, transtextual, artística) e suas definições, além de estabelecer um procedimento geral articulado às análises propostas. Para além de uma lógica mecanicista, os autores apoiam-se na lógica discursiva, junto às categorias sistematicamente estruturadas, para a análise das obras “*Daqui ninguém passa!*” e “*Meu Vizinho é*

um cão”, de autoria de Isabel Minhós de Martins, ilustrado por Bernardo Carvalho e Madalena Matoso, respectivamente. Em sua aprofundada e atenta análise sobre os aspectos categorizados, os autores por fim afirmam “que as estratégias de uso da tipografia condicionam modos de leitura muito distintos”. E continuam, em seu texto:

Entretanto, não se trata exclusivamente da utilização da tipografia: essas escolhas estão sempre articuladas com as demais decisões expressivas do livro ilustrado, uma premissa que fundamenta nossa abordagem metodológica. Nesse sentido, reforçamos como a expressividade tipográfica é um procedimento fundamental para o medium dos livros ilustrados, colaborando com todos os outros para a totalidade da obra (2022).

Ao contemplar as características singulares de cada obra, em suas análises e desdobramentos sobre a expressividade na tipografia, os autores contribuem nas reflexões sobre as estratégias que podem ser utilizadas em livros ilustrados e nos estudos da análise tipográfica expressiva em editoriais e na relação texto-imagem.

O terceiro artigo selecionado para a discussão intitulado “Um panorama do design de tipos de texto no Brasil: trajetória e características atuais”, de Luiza Falcão, Solange Coutinho e Isabella Aragão, trata sobre o contexto brasileiro de trabalho no design de tipos, evidenciando as características da produção das tipografias experimentais, displays e vernaculares.

No contexto da tipografia contemporânea digital, a profissão do design de tipos no Brasil, segundo as autoras, é um campo em formação que exige do profissional um relevante estudo teórico prático, e que no contexto nacional, de acesso limitado à tecnologias e as características próprias do mercado de trabalho editorial, possuem especificidades. Para tanto, as autoras utilizam uma abordagem exploratória qualitativa, com revisão de literatura e entrevistas com especialistas em projetos de fonte de texto.

Nesse sentido, as autoras traçam um panorama histórico da tipografia no Brasil, a partir dos relatos e dos artefatos, evidenciando as questões de estilo, identidade, experimentação e tradição das produções brasileiras ao longo das décadas. Relatam, por exemplo, a produção do catálogo “Fontes Digitais Brasileiras: de 1989 a 2001”, composto pela documentação de 250 fontes brasileiras marcadas pela diversidade de estilos e pelos usos em materiais editoriais, cartazes, peças musicais, em suas características experimentais, vernaculares, de memória. Mas é no terreno das fontes de texto que reside a pesquisa mais ampliada.

As fontes de texto, por definição de Falcão et al (2021) e parâmetros de Unger (2018), são as fontes tradicionais utilizadas em textos longos, respeitando as características formais anatômicas tradicionais dos caracteres alfanuméricos. No Brasil, são marcadas por um desenvolvimento recente, segundo as autoras, a partir das décadas de 90 e anos 2000. Em 2001, citam a família tipográfica Houaiss, de Rodolfo Capeto, como um projeto que marca uma nova realidade para a produção dos tipos nacionais, no projeto de fontes para clientes e projetos específicos. Outros se seguiram, como as famílias Tipográficas da UOL, de Crystian Cruz e Marina Chacur, da Revista Veja, de Gustavo Soares e Eduilson Coan, e da Petrobras, da Dalton Maag, fundidora com filial no Brasil.

Das fundições brasileiras nessa empreitada pelo tipo brasileiro são citadas a dooType, a Blackletra, a Fábio Haag Type, a Harbor Type, com produções vastas no campo da fonte de texto e alcance mundiais na disseminação de seus tipos.

Nas entrevistas com os especialistas é possível relatar os desafios e características das produções aos longo das últimas décadas, em especial as questões quanto a formação educacional, que até o momento era entendida pelos entrevistados como não especializada.

Também os acessos ao mercado de trabalho aparentemente restrito, mas também ampliado no que se diz respeito a oportunidades externas, era visto como algo desafiador. É nesse sentido que as autoras apontam as lacunas, quanto à especialização no design de tipos no Brasil, para a formação de uma atuação profissional sólida no país. Também apontam na necessidade de ampliação dos componentes curriculares nos diversos cursos de graduação do país, na busca de novos cenários de formação.

É por esse caminho, de apontamentos de pautas e lacunas, que se apresenta o quarto artigo “Análise da produção acadêmica brasileira sobre tipografia: um levantamento no Banco de Teses e Dissertações da CAPES” de Maíra Woloszyn e Berenice Santos Gonçalves. Como objetivo de trazer a tona reflexões sobre a evolução da pesquisa científica do campo da tipografia no Brasil e a visualização dos dados, a pesquisa bibliométrica das autoras levantou os temas presentes nas produções de mestrado e doutorado no Brasil, reforçando os espaços ocupados e também as lacunas.

Ressalta-se uma importante contribuição sobre as categorias mapeadas por elas, tais como: Design com tipos, Design de tipos, Ensino de tipografia, Tipos Vernaculares, Memória Gráfica. O tema Design com tipos continua sendo, ao longo dos anos, o mais presente, versando sobre a aplicação da tipografia nos contextos de uso, tais como embalagens, design editorial e meio digital, num total de 75 estudos. Os temas sobre Design de Tipos e Educação em Tipografia, ao longo da amostra, são pouquíssimos significativos em pesquisa. Também os temas de Memória Gráfica, importante discussão sobre os aspectos históricos, sociais e culturais da tipografia, tendem a oscilar para baixo, representando menos trabalhos no período de 2017-2021.

Aqui residem importante reflexões sobre a pesquisa - ainda em produção - dos dados sobre as comunidades e interesses, ao longo dos anos, dos pesquisadores brasileiros em tipografia, bem como da educação em Tipografia, entendida como elemento de extrema relevância no Design Gráfico, e que se pretende ir além da instrumentalidade.

Nesse mesmo sentido, de produção de pautas e interesses no contexto da profissão, formação e atuação, discute-se o quinto e último artigo selecionado, chamado de “Pesquisas em Tipografia no Brasil: uma rede possível”, das autoras Jade Samara Piaia, Priscila Lena Farias, Fernanda Martins e Edna Cunha Lima. O objetivo das autoras foi o de responder às questões quantitativas sobre os grupos e linhas de pesquisa que abordam tipografia, o nível/titulação dos pesquisadores envolvidos, os vínculos acadêmicos das pesquisas, bem como os temas de maior relevância/preponderância no contexto nacional. Para tanto, estabeleceram como método o levantamento de dados primários e secundários, com formulários de pesquisa, e depois, o mapeamento visual dos dados a partir do mapa do Brasil como suporte em ferramenta.

Os dados do formulário foram respondidos por 34 pesquisadores, de instituições de origem federais e privadas, bem como 10 oficinas tipográficas, além de museus e espaços de memória. Dos temas, desde a memória e história da tipografia, letreiramentos populares, cultura e patrimônio, bem como práticas de oficinas e tecnologias, acessibilidade, dentre diversos outros termos mapeados, que refletem tamanha diversidade de atuação na pesquisa das comunidades brasileiras. O mapa final, de resultado, encontra-se disponível em ferramenta aberta do googlemaps, e segundo as autoras, está em processo de colaboração e construção contínua.

### 3 Discussão sobre as amostras: como refletir sobre as produções

O conjunto de artigos selecionados permitiu verificar a recorrência de algumas metodologias de pesquisa na abordagem dos temas.

Parte deles abordam o ensino de tipografia no país, evocando produções nacionais em design, reflexões sobre as práticas de ensino e problematizando o próprio campo de investigação. Entre as práticas de pesquisa, verificamos a aplicação de métodos de coleta de dados a partir de entrevistas, pesquisa documental, análises dos conteúdos de disciplinas de tipografia e a utilização de metodologias próprias de outros campos do conhecimento, reforçando suas características interdisciplinares.

Outro tema geral recorrente parte da análise de artefatos gráficos produzidos no Brasil, sobretudo projetos editoriais, com ênfase em aspectos plásticos dos usos da composição tipográfica. Nessas investigações, sob o aspecto crítico, é possível identificarmos uma produção heterogênea, realizada em diversas regiões do país, sendo possível estabelecer articulações com outros campos da produção cultural, como cinema e literatura.

A relação entre os estudos em tipografia e pesquisas em História do Design também foram verificadas com frequência, seja nos estudos sobre o instituições de ensino de design quanto nas pesquisas que abordam designers, gráficas e escritórios.

Alguns artigos trataram de temas específicos, como acessibilidade e ética profissional, evidenciando a relação entre a tipografia e práticas inclusivas de design. Exigem normalmente a ampliação do escopo de análise, com categorias próprias, indicando o potencial de novas metodologias para o campo da tipografia e sua relação com a cultura, o cotidiano e uma perspectiva crítica no design.

Finalmente, apontamos que não foi possível identificarmos um viés teórico predominante nos artigos analisados. A própria seleção de artigos, com marcadores bem abrangentes e a diversidade de temas, já prenunciava este aspecto. A pesquisa identificou possibilidades de desenvolvimento da área, ainda que um viés crítico que problematize temas importantes do campo da cultura, são escassos neste recorte. É possível identificarmos esses temas atravessando as discussões, como por exemplo nas escolhas de pesquisas em regiões do país comumente negligenciadas na literatura da área ou quando são abordadas as relações entre as tecnologias e os contextos sociais.

O quadro 1 apresenta uma síntese dos temas e quais foram as abordagens utilizadas pelas autoras e autores dos artigos.



Quadro 1 - Os artigos apresentados para análise no período de 2014 a 2022 no P&D Design

<b>2014</b>	
As capas de cordel em xilogravura na Tipografia São Francisco (1932-1982)	Temas, Comentário Geral, Metodologia História do Design; Cultura regional; Produção Gráfica; Pesquisa documental
A OTSP e o resgate da impressão tipográfica no Brasil	Design gráfico contemporâneo; Linguagem visual; Produção gráfica; História oral
<b>2016</b>	
O ensino da tipografia no contexto dos cursos de design: uma abordagem qualitativa	Ensino de tipografia; Classificação de conteúdos de ensino pelo viés da Semiótica; Pesquisa qualitativa com entrevistas
Subsídios para uma história do design gráfico no Brasil: a primeira tipografia do Amazonas (1851-1866)	História social e design, produção gráfica; Design editorial; pesquisa documental
O ensino de caligrafia, desenho de letras e tipografia no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo	Ensino de tipografia e caligrafia; Arquitetura e design; História; Pesquisa documental
Dos livros aos tipos: um inventário gráfico da Tipografia do Zé	Design gráfico contemporâneo; Design editorial; Linguagem visual; Produção gráfica; História oral
<b>2018</b>	
Procedimentos éticos do resgate tipográfico no design de tipos	Profissionalidade do Design de Tipos Ética Profissional; Tipos Digitais
Tipografia em cartazes de cinema como representação de identidade e storytelling: um estudo de caso do estúdio Ana França Design	Análise de identidade de tipos e cinema Cartazes audiovisual; Metodologia analítica
Som na forma tipográfica: a tipografia como recurso de imersão audiovisual para pessoas surdas	Práticas de inclusão e experiência visual na tipografia Estilo tipográfico; Acessibilidade; Metodo Experimental
<b>2022</b>	
Processo de desenvolvimento de tipografia display para uso pelo movimento LGBTQ+	Criação de tipografias ativistas Semiótica; Projeto tipográfico
Expressividade tipográfica em livros ilustrados: uma análise comparativa entre <i>Daqui ninguém passa!</i> e <i>Meu vizinho é um cão</i>	Expressividade e estética na relação texto-forma Análise discursiva formal; Tipografia no editorial
Um panorama do design de tipos de texto no Brasil: trajetória e características atuais	Profissionalidade do Design de Tipos Levantamento de estúdios e produções
Análise da produção acadêmica brasileira sobre tipografia: um levantamento no Banco de Teses e Dissertações da CAPES	Educação e Pesquisa em Tipografia no Brasil Dados sobre a produção acadêmica
Pesquisas em Tipografia no Brasil: uma rede possível	Educação e Pesquisa em Tipografia no Brasil Dados de instituições de ensino, pesquisa

Fonte: a autora e o autor (2024)

## 4 Considerações Finais

Assim como na edição de 2012, esse artigo teve como objetivo identificar e compreender uma parte da produção científica presente nas edições do evento P&D Design, com temas e marcadores sobre a produção da pesquisa em tipografia brasileira.

Entendemos, assim como nos propõe FARIAS (2012), que a tipografia negocia sentido com a sociedade e com a cultura. No contexto da sociedade brasileira, as tipografias foram moldadas pelas mudanças sociais, econômicas e políticas, em suas relações diretas com as tecnologias e os processos de impressão, o desenvolvimento das tecnologias digitais e a reprodução, a partir da história e dos seus modos de produção.

A tipografia no Brasil marca uma profissão, dentro e fora do Design Gráfico, incorporando as preocupações de ordem ética e moral, bem como em diálogo com as questões de ordem cultural, nas apropriações e valorizações ou nos processos de precarização dos saberes populares e de suas formas de expressão. É produzida a partir das negociações do estilo, das linguagens, dos usos e suportes onde se aplica. Expressa e dá forma, a partir da estética e poética, no sentido que a arte e a modernidade estabelecem.

No contexto do ensino e da pesquisa, ao longo das décadas, produz ciência em quantidade e qualidade, promovendo espaços de saberes e trocas no ensino superior e nos Programas de Pós Graduação pelo país. Como decorrência ou correlação, permanece sendo parte dos currículos e das trilhas formativas em Design Gráfico pelo Brasil, considerada disciplina base para as teorias e práticas do Design.

Esse retrato, embora circunscrito por uma amostra pequena frente a produção nacional, nos permite perceber a diversidade da qual tanto discutimos no contexto da Educação e do Design, e para a qual afirmamos ser possível e necessária as interlocuções entre as diversas produções - projetuais, de pesquisa, de métodos, de modos de olhar o mundo e a memória, de análise dos estilos e estéticas, de arranjos e modos de organização para as lacunas e a necessidade de fortalecimento das comunidades que produzem e pensam tipos no Brasil.

## 5 Referências

BIDERMAN, C.; COZAC, L. F. L.; REGO, J. M. **Conversas com economistas brasileiros**. 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.

BRITO, João Pedro; SOUZA, Eduardo A B M; **"Expressividade tipográfica em livros ilustrados: uma análise comparativa entre *Daqui ninguém passa!* e *Meu vizinho é um cão*", p. 6764-6782 . In: Anais do 14º P&D Design São Paulo: Blucher, 2022.**

D'ELBOUX, José Roberto; **"O Ensino De Caligrafia, Desenho De Letras E Tipografia No Liceu De Artes E Ofícios De São Paulo"**, p. 369-381 . In: Anais do 12º P&D Design. São Paulo: Blucher, 2016.

FALCÃO, Luiza; COUTINHO, Solange; ARAGÃO, Isabella; **"Um panorama do design de tipos de texto no Brasil: trajetória e características atuais"**, p. 270-286 . In: Anais do 14º P&D Design. São Paulo: Blucher, 2022.

FARIAS, Priscila Lena. **Notas para uma normatização da nomenclatura tipográfica**. In: Anais do P&D Design 2004 - São Paulo: FAAP, 2004. s/p.

FINIZOLA, Maria de Fátima Waechter. **A tradição do letreiramento popular em Pernambuco**: uma investigação acerca de suas origens, forma e prática. Tese. Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

HOEFLER, Jonathan. **On Classifying Type**. In: Emigre, n.º 42, 1997. p.55-70.

KRUPAHTZ, Juliana; MATTÉ, Volnei; **"Tipografia em cartazes de cinema como representação de identidade e storytelling: um estudo de caso do estúdio Ana França Design"**, p. 5779-5791 . In: Anais do 13º P&D Design. São Paulo: Blucher, 2019.

LAUDON, Kenneth C.; LAUDON, Jane P. **Management information systems**: new approaches to organization & technology. 5 th ed. New Jersey: Prentice Hall, 1998.

LEBEDENCO, Érico Carneiro; CAMPOS, Gisela Belluzo de; **"Procedimentos éticos do resgate tipográfico no design de tipos"**, p. 6022 . In: Anais do 13º P&D Design. São Paulo: Blucher, 2019.

MEGGS, Philip B. **Type & Image**: The Language of Graphic Design. Van Nostrand Reinhold, New York, 1992.

MEURER, Mary Vonni; GONÇALVES, Berenice Santos ; **"O Ensino Da Tipografia No Contexto Dos Cursos De Design: Uma Abordagem Qualitativa"**, p. 2844-2855 . In: Anais do 12º P&D Design. São Paulo: Blucher, 2016.

MONTUORI, Bruna Ferreira. **Design, favela e ativismos: experiências e aprendizados com a Redes da Maré no Rio de Janeiro**. São Paulo, 2018.

MILLS, Mike. **Apêndice: o gênero do universal**. In: LUPTON, Ellen; MILLER, J. Aboot. ABC da Bauhaus. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NEDER, Rafael; CAMPOS, Gisela Belluzo de; **"Dos Livros Aos Tipos: Um Inventário Gráfico Da Tipografia Do Zé"**, p. 571-583 . In: Anais do 12º P&D Design. São Paulo: Blucher, 2016

NEDER, Rafael; CAMPOS, Gisela Belluzo de; **"A Otsp E O Resgate Da Impressão Tipográfica No Brasil"**, P. 851-861 . In: Anais do 11º P&D Design São Paulo: Blucher, 2014.

NORMANDI, Diego; TARALLI, Cibele; **"Som na forma tipográfica: a tipografia como recurso de imersão audiovisual para pessoas surdas"**, p. 4147-4159 . In: Anais do 13º P&D Design. São Paulo: Blucher, 2019.

PAIVA, Paulo Jeyson Barros; **"As Capas De Cordel Em Xilogravura Na Tipografia São Francisco (1932-1982)"**, p. 766-777 . In: Anais do 11º P&D Design. São Paulo: Blucher, 2014.

PEREIRA, Rômulo do Nascimento; MEDEIROS, Ligia; **"Subsídios Para Uma História Do Design Gráfico No Brasil: A Primeira Tipografia Do Amazonas (1851-1866)"**, p. 618-630 . In: Anais do 12º P&D Design. São Paulo: Blucher, 2016.

PIAIA, Jade Samara; FARIAS, Priscila Lena; MARTINS, Fernanda; CUNHA LIMA, Edna; **"Pesquisas em Tipografia no Brasil: uma rede possível"**, p. 8540-8548 . In: Anais do 14º P&D Design. São Paulo: Blucher, 2022.

POYNOR, Rick. **Typographica**. Princeton Architectural Press, 2001.

STÖCKL, Hartmut. **Typography: Body and dress of a text – A signing mode between language and image**. Visual Communication, v. 4, n. 2, p. 204-214, 2005.

THOMAZ, João Victor Pereira; DICKIE, Isadora Burmeister; SCHULENBURG, Haro Ristow Wippel; **"Processo de desenvolvimento de tipografia display para uso pelo movimento LGBTQ+"**, p. 2635-2655 . In: Anais do 14º P&D Design São Paulo: Blucher, 2022.

THOMPSON, Bradbury. **The Art of Graphic Design**. New Haven: Yale University Press, 2018.

WOLOSZYN, Maíra; GONÇALVES, Berenice Santos; **"Análise da produção acadêmica brasileira sobre tipografia: um levantamento no Banco de Teses e Dissertações da CAPES"**, p. 54-69 . In: Anais do 14º P&D Design. São Paulo: Blucher, 2022.